



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O MACHISMO E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: construindo a igualdade de gêneros em sala de aula

Autor (a) Tércio Ramon Almeida Silva

E.E.E.F.M. Jornalista José Leal Ramos

Email: terciofilosofo@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o Machismo enquanto sustentáculo da violência contra a mulher, no intuito de promover e construir a igualdade de gênero em sala de aula. O Machismo nesse trabalho é entendido como um fenômeno social que se baseia na ideologia da superioridade do homem em relação a mulher contribuindo para a disseminação do preconceito de gênero no ambiente escolar. Para o desenvolvimento e fundamentação do presente trabalho, utilizou-se de uma análise qualitativa, realizando uma criteriosa revisão de literatura sobre o Machismo e a Violência Contra a Mulher. No decorrer da presente análise pôde-se perceber a existência de um machismo camuflado no ambiente escolar, bem como consideráveis avanços no tocante a sensibilização dos alunos ao tema. Ainda assim foi possível observar a existência de uma suposta crise do machismo como fenômeno social passível de discussão. As leituras e análises permitiram concluir como o machismo se afigura como sustentáculo da violência contra a mulher, a importância de trabalhar na escola temas que visam despertar a consciência da importância do respeito ao próximo, bem como a adequação dos jovens aos novos paradigmas sociais. Por fim, a necessidade de trabalhar de maneira efetiva na prevenção ao preconceito e a consequente violência contra a mulher por parte dos sujeitos envolvidos no ambiente escolar, assim como no encontro de ações e mecanismos que possibilitem o enfrentamento a esse tipo de violência.

Palavras-chave: Machismo, Violência contra a Mulher, Gênero, Educação, Direitos Humanos.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

INTRODUÇÃO

A discussão em torno dos Direitos Humanos se coloca em uma daquelas discussões em que o contraste é quem justamente o promove. Traduzindo em outros termos, só ouvimos falar em Direitos Humanos, por conta dos constantes casos de violações dos mesmos.

Desse modo, nunca se ouviu falar tanto em Direitos Humanos como na atualidade. Talvez, os recentes e constantes casos de violações dos Direitos Humanos, motivados por questões econômicas, sociais, religiosas e culturais, aliados ao grande enfoque dado pela mídia à questão, possibilitou que a sociedade repensasse estratégias que contribuíssem para a preservação e garantia dos direitos humanos.

Os relatórios mundiais apontam certa evolução na construção de uma cultura de paz e não violência em todo o mundo. A exceção da África e da Ásia, percebemos certo nível de amadurecimento social e cultural ao ponto de considerarmos que essas sociedades preferem ao invés da guerra, a paz.

Esse fato talvez possa ter uma explicação histórica. As experiências do nazismo na Europa e das bombas atômicas cometidas pelos americanos fizeram com que essas nações repensassem os seus princípios e os seus valores em relação a consolidação de uma sociedade humanística, fazendo com que essas nações avancem na preservação dos direitos humanos

Destarte, percebe-se que nunca se ouviu falar tanto em direitos humanos e ações preventivas e combativas as violações dos direitos fundamentais, cada vez mais são desenvolvidas, assim como a repulsa por atitudes que caracterizem essas violações. Vimos recentemente o mundo virar as costas aos EUA pelos ataques ao Iraque e ao Afeganistão e como resultado disso, a baixa popularidade de um dos últimos “grandes violadores de direitos humanos” e sua consequente exclusão do cenário político internacional. O mundo todo deu as costas a Jorge W. Bush.

Portanto, percebe-se o papel primordial da Educação nesse processo de consolidação dos Direitos Humanos, pois tendo em vista essa nova configuração social baseada na



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Diversidade, a Escola tem que por obrigação assumir a responsabilidade de uma educação que atenda aos anseios e interesses de todos, uma escola não excludente, pois só assim, poderemos falar em uma Educação para os Direitos Humanos e conseqüentemente, uma sociedade que valorize, preserve e respeite os Direitos Humanos.

“Se as mulheres soubessem como se comportar, haveria menos estupros”(Sips, 2014, p.23)

Em abril de 2014 o Brasil foi pego de surpresa com um dado apontado pela pesquisa organizada pelo IPEA (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas) através da SIPS (Sistema de Indicadores de Percepção Social) sobre a Tolerância Social á Violência contra a mulher. De acordo com a pesquisa 58,5% dos entrevistados concordavam com a ideia de que se as mulheres se vestissem e se comportassem bem, haveria menos estupros.

Apesar de bastante criticada e contestada, a pesquisa nos coloca frente a uma grande discussão acerca do machismo em uma sociedade em que muito avançou ultimamente nas discussões de gênero. Não se pode deixar de mencionar a criação de mecanismos para combater qualquer tipo de preconceito relativo a questão de gênero. A lei Maria da Penha e a regulamentação da união homoafetiva se afiguram como importantes instrumentos na construção de uma sociedade que respeite as diferenças baseada nos princípios da justiça e da igualdade.

Porém, torna-se necessário entender que nem só de leis vive uma sociedade, pois se elas apenas bastassem todos os males presentes em nossa sociedade já haveriam sido solucionados e resolvidos. Talvez, um dos grandes problemas do nosso país é achar que leis e decretos irão resolver questões que são, antes de tudo, culturais.

A corrupção, a violência, o desemprego, o machismo, a homofobia e outras mazelas sociais são problemas que além de leis e decretos institucionais, precisam de um trabalho cultural, uma espécie de sensibilização de todos os sujeitos envolvidos nessa sociedade.

Para esclarecer melhor o que foi mencionado, é importante citar alguns exemplos. A corrupção em nosso país é fruto da existência de uma ética da malandragem. O desemprego advém de uma estrutura social e econômica capitalista baseada na exclusão. A violência é



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

fruto não só da falta de segurança ou policiais, mas também da ausência de uma Educação emocional e social, assim como a Homofobia e a violência contra a mulher é fruto de uma sociedade estruturada no patriarcalismo.

Parafrazeando então a frase do filósofo grego Pitágoras que afirmou que “é melhor educar as crianças e jovens, do que punir os adultos”, o presente trabalho se apresenta com a proposta de refletir sobre um dos principais problemas da sociedade brasileira: O Machismo e a consequente Violência Contra a Mulher. Entendido aqui como fenômeno social, percebendo a Escola como lugar ideal para reflexão desses temas e consequente combate ao mesmo.

Nesse sentido, a pesquisa traz a tona a discussão em torno dos Direitos Humanos para o ambiente escolar, visando discutir sobre a existência de uma cultura machista e a consequente violência contra a mulher com o intuito de promover a igualdade de gêneros em sala de aula. Por certo:

Espera-se de um Plano de Ação de Educação em e para os Direitos Humanos que propicie o conhecimento das normas de proteção universais, que promova uma cultura universal dos direitos humanos, que incentive o exercício ativo dos direitos e a formação dos sujeitos políticos, que promova a igualdade de oportunidades no acesso a formação e que contribua para a prevenção dos abusos e violações dos direitos humanos. (ZENAIDE E SILVA, 2014, p.321)

O presente trabalho então é fruto de uma prática pedagógica comprometida com as temáticas dos Direitos Humanos com o intuito de incentivar a promoção desses direitos no ambiente escolar. Fazendo da escola ambiente propício para as discussões em torno dos direitos essenciais para o desenvolvimento da sociedade.

Isso implica dizer que não podemos pensar em trabalhar os Direitos Humanos de forma superficial e simplista, através apenas do recorte as datas comemorativas e em ocasiões especiais na Escola, precisamos encarar a proposta da educação em e para dos Direitos



Humanos como uma constante na nossa proposta pedagógica, trabalhando-os de modo constante no dia-dia de sala de aula.

É necessário entender que enquanto educadores, precisamos promover uma escola verdadeiramente falando para todos, sem preconceitos, exclusões ou discriminações. Tal postura perpassa pela necessidade de se trabalhar temas referentes aos direitos humanos fundamentais de todos os envolvidos no processo educacional, na tentativa de garantir, preservar e promover o direito de todos.

Destarte, o ponto de partida que irá fundamentar a nossa discussão é a percepção da existência de uma sociedade patriarcal, organizada de forma hierárquica onde o homem é visto como um ser superior a mulher. Em outras palavras pode se afirmar que

“A sociedade se organiza com base na dominação de homens sobre mulheres, que se sujeitam à sua autoridade, vontades e poder. Os homens detêm o poder público e o mando sobre o espaço doméstico, têm controle sobre as mulheres e seus corpos”.(Sips, 2013, p. 4)

Diante disso, é preciso destacar o papel de alguns grupos e movimentos que sempre resistiram a essa ideologia de dominação masculina presente por muito tempo na sociedade. Dentre vários podemos citar o surgimento do Movimento feminista no final do século XIX e início do século XX, movimento esse responsável por uma série de conquistas pelo público feminino, em outras palavras

Nessa época, nos EUA e na Inglaterra, surgiram várias manifestações orquestradas por mulheres que tinham como foco principal a garantia da igualdade de direitos entre homens e mulheres e o repúdio a lógica dos casamentos arranjados, onde a mulher figurava como propriedade do homem. Em seguida, o movimento passou a fazer campanhas por outro direito essencial: o direito ao voto. (RIBEIRO E SILVA, 2012, p. 37).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Logo, vê-se que aos poucos a mulher vai conquistando o seu espaço, conquistando e garantindo direitos que até então eram lhe negados, diminuindo assim a distância entre homens e mulheres.

Como consequência a essa nova configuração social que coloca a mulher não como mero objeto, mas como sujeito protagonista da história, têm-se a existência de um novo fenômeno social que interessa muito a presente discussão: *a crise do machismo*.

Essa chamada “*Crise do Machismo*” seria então a dificuldade do homem em conviver com esse novo modelo de mulher, a impossibilidade de aceitação da mulher no mesmo patamar que o homem e a consequente complexidade de aceitação desse novo paradigma social, qual seja, a “*Visibilidade da Mulher*” e o fim da superioridade do homem. Pode-se dizer que estamos diante de uma continuidade do machismo, se apresentando com uma nova roupagem.

Como consequência a essa crise do Machismo temos uma reação bastante negativa do homem diante desses avanços das mulheres: o recurso a violência. Por isso que no Brasil percebemos um considerável aumento nos índices de casos de violência contra as mulheres, pois por não entenderem as mudanças sociais, por não aceitarem as conquistas femininas, a violência contra a mulher surge como uma triste resposta dos homens a esse novo lugar na qual a mulher se encontra, na tentativa da manutenção de uma sociedade patriarcal e machista.

Destarte, objetiva-se discutir sobre os números relativamente grandes de casos de violência contra a mulher na sociedade atual, mesmo após a criação de leis que combatam tal tipo de crime e o grande enfoque dado pela mídia e pela sociedade em geral ao tema.

O título do trabalho foi definido a partir da percepção da relação existente entre o machismo e a violência contra a mulher, assim como a necessidade de promover em sala de aula a igualdade de gêneros. É necessário entender que o conceito de violência presente na discussão não está restrito apenas a ideia de violência física, mais também de outros tipos de violência, tais como a violência simbólica e de incivildades que se apresentam no contexto escolar. A violência então se afigura:



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

como um fenômeno heterogêneo que envolve desde a violência física, a violência simbólica ou institucional – falta de sentido, obrigações, violência das relações de poder, negação da identidade, indiferenças - até as formas de incivilidade – humilhações, palavras grosseiras e falta de respeito.(Charlot, *apud* Abramoyay e Rua, 2002 p. 69 *In*, Zenaide e Silva, 2014. P.311).

Por fim, o presente instrumento torna-se justificado por vermos a escola como espaço ideal para o desenvolvimento de ações norteadoras no combate a qualquer tipo de preconceito e violência, entendendo que qualquer tipo de mudança ou transformação em uma sociedade deve começar pela escola. “No caso da escola, além da prevenção é preciso ensinar o respeito às diferenças e as liberdades fundamentais” (Silva e Zenaide, 2014, p.311)

Para isso, torna-se necessária uma descaraterização da Escola como uma instituição mantenedora dos preconceitos e desigualdades, pois historicamente, percebemos que a Escola serviu como instrumento de poder em favor das classes dominantes. Uma breve consulta aos fatos históricos recentes faz perceber que a Escola sempre reproduziu uma ideologia machista, heterossexual, branca e eurocêntrica, marginalizando e excluindo as mulheres, homossexuais, negros e afrodescendentes.

O sociólogo francês Bourdieu, nos presenteia com uma interessante reflexão sobre o papel social da escola, ao afirmar que juntamente com outras instituições (Igreja, Estado) a Escola se apresentou como uma instituição reprodutora e mantenedora dos preconceitos e das desigualdades. Nas palavras dele “O trabalho de reprodução esteve garantido, até época recente, por três instâncias principais, a família, a Igreja e a Escola, que objetivamente orquestradas tinham em comum o fato de agirem sobre as estruturas inconscientes”. (BOURDIEU, 2014, p.119) .

Percebe-se que, assim como outras instituições (Igreja, Estado) a Escola serviria como instituição encarregada de garantir a perpetuação da ordem de gêneros, contribuindo assim para a manutenção da dominação masculina. Nesse contexto, A Escola se apresentou sempre



como uma instituição que serviu para a perpetuação de uma ordem de dominação, no caso do presente estudo, da dominação patriarcal.

Assim, partimos do pressuposto de que o fim da violência contra a mulher está condicionado ao fim dessa cultura machista na sociedade, trabalho esse que só será possível através de um processo educacional que priorize a justiça e a igualdade na preservação de uma cultura sem hierarquias e distinções entre homens e mulheres, construindo assim uma sociedade que tem como princípios, a paz e a igualdade entre todos.

Dessa forma, o trabalho “*O Machismo e a Violência Contra a Mulher: Construindo a igualdade de gêneros em sala de aula*” tem como principal objetivo refletir sobre o machismo enquanto sustentáculo da violência contra a mulher, com o intuito de trabalhar na construção e na promoção da Igualdade de Gêneros em Sala de Aula, entendendo como a existência de uma sociedade patriarcal e machista serve como principal pilar de sustentação para os constantes casos violência contra a mulher.

METODOLOGIA

O Projeto foi executado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jornalista José Leal Ramos, localizada em São João do Cariri, interior da Paraíba, tendo como público alvo todos os alunos do educandário. Foram ministradas aulas expositivas, oficinas pedagógicas, oficinas de leitura, pesquisas de campo, atividades lúdicas, mesas redondas, entrevistas, visita a instituições credenciadas, fóruns virtuais e palestras sobre o tema para sanar dúvidas quanto aos entendimentos do assunto.

De início foi realizado um criterioso levantamento bibliográfico que proporcionasse o maior número de material referente ao tema. Para o desenvolvimento e fundamentação de nossa pesquisa nos utilizamos de uma análise qualitativa, realizando uma vasta revisão de literatura sobre o machismo enquanto fenômeno social, e a consequente violência contra a mulher baseada na ideia da dominação masculina.



Em seguida, o presente estudo girou em torno da análise de artigos científicos, documentos e cartilhas que abordassem a discussão de gênero na educação, permitindo assim uma abordagem do tema em sala de aula.

Com o auxílio das TIC's (Tecnologia da Informação e Comunicação) foram realizadas exposições dialogadas através da apresentação de Slides, exibição de documentários e curtas metragens sobre o tema, bem como realização de palestras, mesas redondas, chats e fóruns virtuais, trabalho esse sempre mediado pelas novas tecnologias

Para realização de um diagnóstico foi utilizada a pesquisa descritiva objetivando descrever as características da comunidade escolar e sua relação com o fenômeno estudado. Para isso, foi elaborado e confeccionado um questionário a ser aplicado com todos os envolvidos, como forma de avaliar e monitorar o mesmo.

Por fim, Na tentativa de perceber a aprendizagem dos alunos da temática em relação a questão do machismo e da violência contra a mulher, foi realizado o *I Café Filosófico com o tema "Machismo e Violência Contra a Mulher"*. Momento esse onde foi proporcionado um interessante diálogo sobre a temática trabalhada, promovendo também o protagonismo estudantil dos nossos alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como resultados obtidos após o desenvolvimento do Projeto na Escola, foi observado a existência de um Machismo camuflado no ambiente escolar. Foi percebido que assim como outras formas de preconceito, o de gênero se manifesta muitas vezes através de brincadeiras, piadas, gestos e comportamentos sutis, fazendo com que ele se perpetue a cada dia, tornando difícil o seu combate, pois se apresenta de forma quase que invisível.

Também como resultados, percebemos alguns avanços no tocante a sensibilização ao tema por parte dos alunos da escola, que por serem mais jovens, apresentam maior disponibilidade as mudanças sociais, fazendo-o enxergar os avanços conquistados pela mulher nos últimos tempos. Tal postura leva esses jovens a se apresentarem de forma mais aberta



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

para perceber o Machismo enquanto fenômeno social, levando a entender assim, a importância de trabalhá-lo em sala de aula.

Foi observado também que o preconceito não tem gênero. Há uma ideia equivocada quando se fala em Machismo, de achar que apenas os homens são machistas. O Projeto nos levou a perceber atitudes machistas não só por parte dos alunos do sexo masculino, mas principalmente, de alunas do sexo feminino que inconscientemente trazem em seus discursos e práticas, a ideologia machista.

Porém, o resultado também indicou certa resistência em relação ao tema por parte dos professores da Escola, que muitas vezes por valores e princípios religiosos, carregam em seu discurso a exaltação ao modelo machista e patriarcal, contribuindo para a manutenção do preconceito de gênero, negando assim o seu papel de verdadeiros educadores e construtores de uma sociedade que respeite as diferenças.

Para discussão e reflexão, temos a percepção da existência de uma suposta crise do machismo, que nada mais é que a dificuldade dos homens em aceitar e reconhecer os novos espaços conquistados pelas mulheres, que nessa concepção é vista como uma ameaça a essa dominação masculina.

Na verdade, percebemos durante o desenvolvimento do projeto que homens e mulheres ainda estão confusos em relação a essa nova configuração social em que as mulheres são vistas como sujeitos das histórias, e não apenas como objeto. Observa-se que em alguns casos, homens e mulheres ainda não sabem lidar com esse novo fenômeno social, o que nos coloca na incansável tarefa de continuarmos a discutir sobre a temática, não isolando-a apenas a um projeto pedagógico, mostrando então que a nossa discussão não se encerra por aqui.

CONCLUSÃO

As leituras realizadas nos permitiram concluir a certeza da existência do Machismo presente no ambiente escolar e como ele serve de sustentáculo para a violência contra a mulher, baseado na ideologia da superioridade e dominação masculina.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Tendo em vista todo trabalho exposto, podemos perceber também a importância de trabalharmos com nossas crianças e jovens temas como esse, que visem despertar a consciência e a prática do respeito ao direito do próximo.

Também podemos concluir a necessidade de um trabalho de sensibilização no tocante as mudanças sociais que se apresentam tendo em vista uma nova configuração de sociedade, que exige de nós educadores, uma prática pedagógica visando a formação humana e integral dos educandos, tornando-os aptos a conviverem nesta sociedade.

REFERÊNCIAS

BOURDIEAU, Pierre. **A Dominação Maculina**. Tradução: Maria Helena Kuhner. – 1º ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014. 172 p.

FLORES, Elio chaves; FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra; MELO, Vilma de Lourdes Barbosa e Melo (orgs.). **Educação em Direitos Humanos e Educação para os Direitos Humanos**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014. 370p.

Ribeiro, Djamila. Silva, Ricardo José B. **A Crise do Masculino**. Filosofia Ciência e Vida. São Paulo, ano VI – Edição 76, p. 36-42, Nov. 2012.

Tolerância Social à violência contra as mulheres. Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. SIPS - Sistema de Indicadores de Percepção Social. Brasília: Abril, 2014. 39 p.

ZENAIDE, Maria de Nazare Tavares; SILVA, Margarida Sônia Marinho do Monte. **Estratégias para elaboração do Plano de Ação em Direitos Humanos**. João Pessoa: Editora UFPB, 2014. 309-335p.